



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CAMPUS DARCY RIBEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ LICENCIATURA

Higor Ramos Ferreira

“O QUE É O QUE É”: UMA INTERPRETAÇÃO COMPARATIVA DE DESENHOS
SOBRE BRINCADEIRAS PREFERIDAS

Brasília-DF

2021

Higor Ramos Ferreira

“O QUE É O QUE É”: UMA INTERPRETAÇÃO COMPARATIVA DE DESENHOS
SOBRE BRINCADEIRAS PREFERIDAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.
Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Dittrich Wiggers.

Brasília-DF

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F Ferreira , Higor
"O QUE É O QUE É": UMA INTERPRETAÇÃO COMPARATIVA DE
DESENHOS SOBRE BRINCADEIRAS PREFERIDAS / Higor Ferreira ;
orientador Ingrid Wiggers . -- Brasília, 2021.
54 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Educação Física) -
Universidade de Brasília, 2021.

1. Brincadeiras. 2. Desenho infantil. 3. Infância . I.
Wiggers , Ingrid , orient. II. Título.

Higor Ramos Ferreira

“O QUE É O QUE É”: UMA INTERPRETAÇÃO COMPARATIVA DE DESENHOS
SOBRE BRINCADEIRAS PREFERIDAS

Este Trabalho de Conclusão do Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física.

Brasília-DF, 27 de outubro de 2021.

Prof. Dr. Daniel Cantanhede Behmoiras
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ingrid Dittrich Wiggers,
Orientadora
Instituição Universidade de Brasília

Profa. Dra. Jaciara Oliveira Leite,
Avaliadora
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida
Suplente
Universidade de Brasília

Este trabalho é dedicado à minha mãe e aos meus sobrinhos, que contribuíram para o meu encantamento pelo universo infantil.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria da Glória, por todo apoio, dedicação e carinho. Eu não seria capaz de concluir mais essa etapa sem você ao meu lado. Gratidão por todas as vezes que acordou cedo e foi dormir tarde para que nada me faltasse. Mãe, eu te amo.

À minha orientadora, Ingrid Dittrich Wiggers, por me permitir sonhar com o universo infantil e me ensinar tantas coisas. Obrigado pelo reconhecimento, incentivo e acolhida desde os meus primeiros contatos com a senhora.

Aos meus familiares que mesmo sem entender, me apoiam e torcem pelo meu sucesso.

Aos meus sobrinhos, Clara Valentina e Heitor Santiago e Cecília por preencherem meu coração de muito amor e carinho. O tio ama vocês.

Aos meus amigos, que facilitaram esse percurso acadêmico, tornando meus dias mais alegres e menos desanimadores, em especial à Ana Luisa, Julia Dutra, Viktor, Guilherme e muitos outros que compartilharam inúmeros momentos comigo.

Ao meu amigo Gabriel Souza, pelo apoio e incentivo que me permitiu finalizar este trabalho com muito cuidado e dedicação.

Aos meus amigos de toda uma vida, Larissa, Andressa, Jaqueline, Eleilson, Ana, João, Amanda, Arthur, Italo, Julia, Alicia e muitos outros.

Aos meus professores desde a Educação Infantil, que intensificaram em cada etapa da minha vida escolar a vontade de me tornar um grande professor.

Ao professor Ricardo Moreno Lima, pela oportunidade de inserção na área científica e colaboração com a minha formação integral, como ser humano e principalmente como futuro pesquisador.

Aos colegas do laboratório GEFS, as contribuições de vocês foram essenciais.

Aos colegas do IMAGEM, família da pesquisa que me acolheu e permitiu que eu trilhasse o meu caminho com apoio acadêmico de extrema qualidade.

Às crianças que foram as protagonistas deste projeto e expressaram suas vontades e necessidades por meio dos desenhos.

Aos colegas Geusiane Tocantins, Mayhron Farias e Anielly Nunes, pela leitura generosa e sustentadora do meu texto.

Às professoras, Jaciara Leite, Alice Medina e Dulce Filgueira, por abrirem meus olhos quanto às possibilidades sociopedagógicas da Educação Física.

Aos pesquisadores do projeto Memórias da Infância, em especial, Aldecilene Barreto pela delicadeza, compreensão e suporte em todos os momentos que precisamos, um dia quero

ler, falar e escrever tão bem quanto você. À Juliana Freire, pelo companheirismo e trocas científicas que foram de suma importância. Obrigado pelo carinho, você é uma inspiração. Às minhas colegas de iniciação científica, Anielly Luiza e Camila Vieira. Nossas reuniões não seriam as mesmas sem a nossa integração. Anielly, você é uma das minhas maiores descobertas na universidade, gratidão pelas revisões, sugestões e apoio, uma amizade para a vida.

Aos colegas de projetos de extensão, de pesquisa, como o PIBID, LAFEX, PIBIC, monitorias e tutorias, essas experiências foram possibilidades que contribuíram para a minha formação humana.

À Universidade de Brasília, que me proporcionou vivências e aprendizados eternos.

À Faculdade de Educação Física que me acolheu e me apresentou a pesquisa em diversos âmbitos, com infinitas possibilidades. Desde que pisei naquele lugar eu soube que essa relação seria duradoura.

Às agências de fomento que contribuíram com bolsas e apoio financeiro, como a FAP-DF, CNPq e a Universidade de Brasília.

“Quando eu tinha 15 anos sabia desenhar como Rafael, mas precisei uma vida inteira para aprender a desenhar como as crianças”. (PICASSO, 2007).

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender brincadeiras preferidas de crianças por meio da interpretação de desenhos infantis da coleção do grupo Imagem. À luz da perspectiva teórica da Sociologia da Infância que engloba as crianças como atores sociais, autônomos e sujeitos de direito. Os principais conceitos abordados foram: desenho infantil, culturas infantis e brincadeiras. A brincadeira é considerada como uma atividade característica da infância, atribuída de significação social. Sobretudo os desenhos infantis e as brincadeiras constituem elementos fundamentais das práticas educacionais na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A trajetória metodológica, com enfoque sociopedagógico, desenvolveu-se por meio de uma pesquisa documental, a partir da abordagem qualitativa. Destarte, se destacou a descrição dos tipos de brincadeiras e suas interfaces com as questões de interação e gênero, bem como as preferências das crianças quanto às brincadeiras, representadas nos desenhos infantis. As informações foram extraídas de um inventário baseado nas coleções de desenhos infantis dos trabalhos acadêmicos do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, da Universidade de Brasília. Os desenhos foram produzidos e recolhidos durante a pesquisa de campo realizada em escolas públicas ao longo de 20 anos, entre 2001 e 2020. A análise ocorreu por meio da classificação, descrição e interpretação das brincadeiras evidenciadas nos desenhos de 24 trabalhos empíricos, em que nesse estudo foi realizado um recorte com desenhos de quatro pesquisas da coleção, sendo duas em Brasília, uma em Campinas e uma em Hannover, totalizando 83 desenhos. Os pesquisadores desses trabalhos solicitaram às crianças para desenharem sua brincadeira favorita. Com base nos desenhos das crianças foi possível destacar a presença das brincadeiras tradicionais como as preferidas de meninos e meninas, tendo em vista as características culturais de cada região, brincadeiras alusivas aos esportes, além da influência da mídia nas brincadeiras.

Palavras-chave: brincadeiras; desenho infantil; infância.

ABSTRACT

This study aimed to understand children's favorite games through the interpretation of children's drawings from the Imagem collection. In the light of the theoretical perspective of Sociology of Childhood that encompasses children as social actors, autonomous and subject to law. The main concepts addressed were: children's drawing, children's cultures and games. Play is regarded as a characteristic activity of childhood, attributed to social significance. Especially children's cartoons and games are fundamental elements of educational practices in Early Childhood Education and in the early years of Elementary School. The methodological trajectory, with sociopedagogical focus, was developed through a documentary research, based on the qualitative approach, which seeks to understand the phenomenon and its cultural meanings. Thus, the description of the types of play and its interfaces with the questions of interaction and gender, as well as the preferences of children regarding play, represented in children's drawings, stood out. The information was extracted from an inventory based on the collections of children's drawings of the academic works of Imagem – Research Group on Body and Education University of Brasília. The drawings were produced and collected during the field research conducted in public schools over 20 years, between 2001 and 2020. The analysis took place through the classification, description and interpretation of the games evidenced in the drawings of 24 empirical works, in which in this study was made a cut with drawings of four researches of the collection, being two in Brasilia, one in Campinas and one in Hannover, totaling 83 drawings. The researchers of these works asked the children to draw their favorite game. Based on the children's drawings it was possible to highlight the presence of traditional games as the favorite of boys and girls, given the cultural characteristics of each region of the country, games alluding to sports, beyond the media's influence on play.

Keywords: play; children 's; childhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Jogos Infantis”.....	24
Figura 2 – “Superói”.....	37
Figura 3 – “Esconde-esconde”.....	39
Figura 4 – “Futebol”.....	40
Figura 5 – “Moseum/polizist/dieb”.....	42
Figura 6 – “Polícia e ladrão”.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Os tipos de brincadeiras e a quantidade de vezes que cada brincadeira foi representada nos desenhos.....	34
Tabela 2 - Identificação das categorias de brincadeiras preferidas em Arniqueira, Campinas, São Sebastião e Hannover.....	36

SUMÁRIO

“FOIDADA A LARGADA”	15
CAPÍTULO 1 - “APERTEM OS CINTOS”	15
1.1 OBJETIVOS	17
1.1.1 Objetivo Geral.....	17
1.1.2 Objetivos Específicos.....	17
CAPÍTULO 2 - “MÃOS À OBRA”	18
2.1 Delineamento do estudo.....	18
2.2 A coleção de desenhos infantis do Grupo de Pesquisa – Imagem.....	20
CAPÍTULO 3 - “QUEM VAI BRINCAR PÕE O DEDO AQUI”	22
3.1 Estudos da Infância.....	22
3.2 O desenho infantil.....	25
3.3 As brincadeiras preferidas.....	29
CAPÍTULO 4 - “EITA, PAM PAM PAM, VOU CONTAR PRO TIO”	32
4.1 “Senta que lá vem história”.....	32
4.2 “Qual o seu super poder?” – brincadeiras midiáticas.....	37
4.3 “1, 2, 3 Salve eu!” – brincadeiras tradicionais.....	38
4.4 “Chuta pro gol” – brincadeiras esportivas.....	40
4.5 “É brincadeira de menino e de menina” – uma questão de gênero	41
4.6 Viajando na brincadeira – desenho entre países.....	42
5 “AGORA QUE A BRINCADEIRA TAVA FICANDO BOA”	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A –	53
APÊNDICE B –	54

1 “FOI DADA A LARGADA”

Neste capítulo introdutório apresento a pesquisa que visa dialogar com as temáticas de infância e brincadeiras preferidas, por meio de uma análise comparativa a partir da coleção de desenhos do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação - Imagem. Ademais, descrevo a justificativa e relevância do estudo, assim como o objetivo geral e os objetivos específicos.

CAPÍTULO 1 – “APERTEM OS CINTOS”

As batidas das solas dos calçados no pátio grande e colorido da escola ecoam nos corredores da sala de artes ao laboratório de ciências, gargalhadas soltas e o suor escorrendo na testa comprovam que o pique-pega está valendo e quem ficar por último vai ser “colado”. As brincadeiras permitem viajar nas possibilidades e vontades de cada criança, seja no grupo de amigos, na calçada de casa ou na escola, por meio do brincar as infâncias se libertam e dão protagonismo às crianças. Além disso, outro elemento complementar são os desenhos infantis que revelam as brincadeiras e as crianças que atuam nesse universo.

A infância expressa uma geração repleta de significados e experiências, onde as crianças flutuam nas pluralidades e participam de forma ativa desse momento. No entanto, Ariès (1981) afirma que por muito tempo a infância foi considerada como um período de transição, sendo um marco que logo mais seria esquecido e substituído. Desse modo, no contexto da Idade Média as crianças participavam dos grupos familiares, mas não tinham um pertencimento individual, com protagonismo.

Nessa perspectiva, surge a necessidade de refletir sobre o ser social da infância, que até então se constituía como um ser sem palavra, com fragilidades e delicadezas (SIROTA, 2001). Entretanto, no século XX surgem contribuições para pensar a infância e um novo papel para as crianças, a partir da Sociologia da Infância que problematizou o discurso de que a criança era um ser passivo (DIP; TEBET, 2019). Dito isso, a infância pode ser caracterizada como uma categoria social do tipo geracional, em que as crianças atuam como atores sociais (SARMENTO, 2005).

A brincadeira é uma atividade típica da infância que contribui para a socialização, aprendizagem e desenvolvimento integral dos pequenos. As crianças e as brincadeiras, não são fenômenos naturais, logo, as crianças brincam, pois alguém as ensina. Desta maneira, a cultura dos adultos possui relação direta com as brincadeiras das crianças. Todavia, elas não reproduzem fielmente os ensinamentos, pois compartilham e criam culturas com os seus pares.

A brincadeira se caracteriza, segundo Corsaro (2005), como um tempo e espaço onde as crianças, além de viver a infância entre seus pares, atuam criativamente.

Igualmente, para Brougère (2000) o brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas sim uma atividade dotada de significação social. O ato de brincar no âmbito escolar ainda pode não ser visto como um meio capaz de tornar-se um eixo condutor do processo educativo, tampouco dentro da sala de aula, excluindo assim a valorização da brincadeira no sentido da aprendizagem. Contudo, de acordo com Freitas e Stigger (2015) compreender as motivações, formas de apropriações e significados que as crianças atribuem às brincadeiras, pode diminuir a distância simbólica entre o professor e o aluno, isto é, inovando o processo “tradicional” de aprendizagem.

Ao abrir uma página de uma revista em quadrinhos nos deparamos com uma grande quantidade de cores, movimentos, diálogos e expressões e ao observarmos os desenhos das crianças compreendemos a imensidão desses componentes, nos traços, formas de representar os corpos, objetos e cenários. Portanto, os desenhos permitem dialogar com as crianças, principalmente quando combinados com a oralidade. As preferências, vontades, necessidades e desejos ilustram a importância do brincar, por meio da atividade gráfica que é o desenho infantil.

Diante disso, a partir de um inventário da coleção de desenhos infantis do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação - Imagem, com 24 trabalhos acadêmicos, entrevistas semiestruturadas e aproximadamente 1.600 desenhos das crianças de diversos tempos e espaços, foi realizado um recorte por meio de quatro pesquisas com a temática de brincadeiras preferidas em quatro escolas públicas. Dessa forma identificamos as brincadeiras preferidas das crianças por meio dos desenhos, levando em consideração as características regionais, culturais, de gênero e outras.

Este estudo justifica-se pela possibilidade de evidenciar os interesses das crianças e as perspectivas do brincar, propiciando subsídios à atuação pedagógica de professores nas escolas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando que as brincadeiras são atividades que elucidam as experiências culturais das crianças. Ainda nesse sentido, a composição de vários desenhos da coleção, integram o inventário do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação - Imagem. O inventário é uma ferramenta profícua nas pesquisas acerca das brincadeiras, pois permite detalhar as características peculiares de forma singular. Ademais, essa ferramenta se destaca como uma forma de preservação do patrimônio imaterial cultural da infância.

Partindo desta explanação, o presente estudo destaca como problema: quais as brincadeiras preferidas retratadas nos desenhos produzidos pelas crianças que participaram de pesquisas do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação – Imagem?

Como forma de responder a esta questão, irei abordar neste trabalho as temáticas dos estudos da infância, coadunados ao desenho infantil e as brincadeiras preferidas, proporcionando uma intencionalidade acerca da socialização das crianças nas relações com seus corpos no processo de aprendizagem que são evidenciadas durante as aulas de Educação Física.

1.1 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa.

1.1.1 Objetivo geral

Compreender brincadeiras preferidas de crianças por meio da interpretação de desenhos infantis da coleção do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação.

1.1.2 Objetivos Específicos

Analisar tipos de brincadeiras preferidas e suas variações, levando em conta desenhos de crianças em diferentes tempos e espaços.

Discutir contrastes e similaridades de brincadeiras preferidas e suas variações entre meninos e meninas participantes das pesquisas pertencentes à coleção.

CAPÍTULO 2 - “MÃOS À OBRA”

O capítulo a seguir apresenta a metodologia do estudo, retratando as fontes e instrumentos utilizados, bem como a apresentação da coleção de desenhos infantis do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação - Imagem, que concebem um inventário com múltiplas informações, sendo os trabalhos acadêmicos, entrevistas e os desenhos, corroborando com a reflexão acerca das pesquisas com crianças e com o desenho como elemento metodológico.

2.1 Delineamento do estudo

O delineamento se caracteriza como uma pesquisa documental, a partir da abordagem qualitativa, que busca compreender o fenômeno e seus significados culturais. A pesquisa qualitativa oportuniza a captação das significações subjetivas a partir da perspectiva dos sujeitos (FLICK, 2013). Cabe ressaltar, que existe um tratamento quantitativo de forma complementar, a fim de compreender a quantidade das categorias das brincadeiras preferidas. Saliento que o presente estudo evidencia um recorte de 4 pesquisas pertencentes a coleção do total de 24 produções acadêmicas.

As fontes que fazem parte do inventário como um todo, entrelaçam uma triangulação de dados sendo os desenhos produzidos pelas crianças, os trabalhos acadêmicos em nível de graduação e pós-graduação, dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação - Imagem e as entrevistas com os mesmos. Estas informações foram organizadas pelos pesquisadores inventariantes do projeto Memórias da Infância.

De maneira introdutória a primeira etapa da pesquisa foi a análise documental das produções dos pesquisadores do grupo, buscando informações detalhadas para preencher o inventário. Para Cellard (2008), a pesquisa documental propicia uma multiplicidade de fontes. Os trabalhos totalizam 24 produções acadêmicas de iniciação científica, monografias, relatórios de especialização, dissertações, teses e relatório de pós-doutorado. Posteriormente, elaboramos um protocolo inicial como forma de guiar a entrevista semiestruturada, para esclarecer as informações que não estavam representadas nos documentos escritos, ou seja, nos trabalhos acadêmicos.

As entrevistas semiestruturadas com os respectivos autores dos trabalhos acadêmicos, elucidaram fenômenos que ocorreram durante o processo das pesquisas de campo. A entrevista ocorreu em duas etapas, a primeira com um formulário on-line com questões objetivas, após enviado esse questionário, eram agendadas a segunda etapa da entrevista que apresentava perguntas qualitativas sobre cada estudo, possibilitando extrair dos pesquisadores questões

metodológicas sobre suas pesquisas. O contato com os entrevistados se deu por meio de mensagens instantâneas, e-mails, videoconferências e outras, a depender da disponibilidade de cada pesquisador. Após a execução das entrevistas, partiu-se para o processo de transcrição, seguindo fielmente os relatos de cada pesquisador. De acordo com Roulston (2014), as transcrições permitem transformar o que foi falado em texto escrito, de forma que corresponda a essência do entrevistado.

Uma análise cuidadosa que perpassa por diferentes tipos de documentos e a partir de vários meios de comunicação, enriquece a pesquisa (COFFEY, 2014). Assim, os desenhos também se destacam como uma fonte deste estudo. Os desenhos foram criados e recolhidos durante trabalhos de campo realizados em escolas públicas de diferentes locais do Brasil e outros países. O desenho da criança reconhecido como documento histórico contribui para as memórias da infância, ressaltando os olhares das crianças sobre o mundo (GOBBI, 2012). Fazem parte do inventário aproximadamente 1.600 desenhos, com temas geradores como “brincadeiras preferidas”, “imagem corporal”, “contexto escolar” e outros.

A construção de um inventário exterioriza uma narrativa que dá visibilidade as memórias, afetos e relações da ludicidade (JUDI; SILVA; LIBERMAN, 2018). O suporte da coleção dos desenhos do Imagem se integram como originais, cópias impressas e cópias digitalizadas. Cada desenho possui um número de identificação que se separa em frente e verso, onde o verso contém informações da obra, como nome da criança, idade e outras informações escritas a lápis.

Para ilustrar a compreensão dos desenhos da coleção, foi utilizado um protocolo de descrição dos desenhos de brincadeiras com as seguintes características: temática do desenho, se existem pessoas ou objetos retratados, o enquadramento da brincadeira, ou seja, se ocupa todo o espaço, se foi apresentado apenas nas laterais, em seguida, a perspectiva da brincadeira, o cenário, traços, movimentações, cores e formas geométricas. Este instrumento permite que o pesquisador inventariante descreva os elementos visuais que estão retratados no desenho, propiciando uma interpretação. Entretanto, é necessário refletir que se trata de uma análise realizada por um adulto a partir da produção das crianças. Isto posto, os relatos, descrições, títulos e comentários das crianças sobre suas obras são essenciais.

Como ápice do processo, as informações obtidas foram reunidas sistematicamente e analisadas levando em conta bases teóricas, com o intuito de consolidar a interpretação das brincadeiras. Para este estudo, realizou-se um recorte com quatro pesquisas que compõem a coleção do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação - Imagem, sendo uma em nível de

mestrado, que ocorreu em São Sebastião, Região Administrativa de Brasília, duas de doutorado, sendo uma em Arniqueira, Região Administrativa de Brasília e outra em Campinas cidade do estado de São Paulo, por fim, uma pesquisa de pós-doutorado realizada em Hannover na Alemanha. Justifica-se esta escolha das quatro pesquisas, em virtude da aproximação entre os objetos de estudo, uma vez que as mesmas possuem como tema gerador as brincadeiras preferidas, por sua vez, foram realizadas com crianças do 1º ao 2º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas.

2.2 A coleção do Grupo de Pesquisa - Imagem

O inventário da coleção de desenhos infantis abarca produções dos pesquisadores do grupo Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. O coletivo está situado na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade de Brasília (UnB). As pesquisas desenvolvidas pelo grupo dialogam com o campo da Educação e da Educação Física, com uma abordagem qualitativa na perspectiva das temáticas da infância, educação do corpo e das mídias. A trajetória do Imagem se inicia em 2001 com a contribuição da tese de doutorado da professora Ingrid Dittrich Wiggers, intitulada como “Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia”, que estabeleceu uma conexão com os desenhos infantis em pesquisas com crianças, porém a consolidação do grupo sucedeu em 2012. Diversos pesquisadores fizeram parte do Imagem e atualmente atuam 4 estudantes de iniciação científica, 3 de mestrado, 6 de doutorado e 2 de pós-doutorado. Hoje, o principal projeto em curso se intitula “Memórias da infância: coleções de desenhos de crianças de Brasília, São Paulo, Chicago e Berlim”, que obteve financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF).

No presente projeto de pesquisa, participam 4 estudantes de iniciação científica, 1 de doutorado, 1 de pós-doutorado sob a orientação da professora Ingrid Wiggers, denominados como pesquisadores inventariantes, em que estiveram responsáveis por organizar e sistematizar as informações do inventário da coleção de desenhos infantis do Imagem. Os elementos do inventário foram organizados em um quadro geral, por meio de uma planilha on-line com linhas e colunas referentes às produções acadêmicas de 24 pesquisas de 2001 a 2021 em diferentes localidades do Brasil e outros três países. Salienta-se que, no ano de 2018 o projeto teve início com um pesquisador de mestrado e uma pesquisadora de iniciação científica junto a professora orientadora.

O quadro geral concatena os informes dos trabalhos acadêmicos, as entrevistas e o detalhamento dos desenhos das crianças. Dessa forma, os inventariantes subdividiram o quadro em categorias. Inicialmente cada pesquisa corresponde a um número e uma linha de 1 a 24, em seguida cada linha refere-se a uma pasta com três categorias, estas que estão separadas por cores. A primeira categoria representada pela cor amarela, acomoda as colunas com informações produzidas a partir dos trabalhos acadêmicos, como por exemplo: nome do pesquisador, título do trabalho, tipo de trabalho, instituição, ano da defesa, país, locus da pesquisa, faixa etária das crianças, número de participantes, instrumentos, temas dos desenhos, ano da produção dos desenhos e outros. Para adicionar as informações nesse conjunto, os inventariantes realizaram leituras e buscas nos trabalhos escritos.

A segunda categoria destacada pela cor azul, expõe colunas com informações gerais, listadas nas entrevistas com os pesquisadores ou no Currículo Lattes, como: publicações, suporte da coleção, forma de contato com o entrevistado e outras. Para tal, realço a importância de entrevistar os pesquisadores como forma de preencher as lacunas existentes na coleção. Ademais, os pesquisadores inventariantes estabeleceram um padrão de preenchimento das informações do inventário como forma de manter uma sequência lógica de descrição, de modo que as fontes, espaçamentos, espaços em branco, pontuações e símbolos mantivessem uma coerência por completo no quadro geral que aponta as produções do grupo Imagem,

Por fim, a última categoria estabelecida pela cor rosa indica as colunas com informações produzidas a partir dos desenhos infantis, isto é, os protagonistas deste inventário, no qual cada linha retrata um desenho, com nome dos participantes, nome fictício, idade, sexo, título do desenho, materiais utilizados no desenho, quem nomeou o desenho, observações e detalhamentos das observações.

CAPÍTULO 3 - “QUEM VAI BRINCAR PÕE O DEDO AQUI”

Neste capítulo, será abordado o referencial teórico da pesquisa, acerca da temática infância, brincadeiras e o desenho infantil.

3.1 Estudos da Infância

Ariès (1981) afirma que na antiguidade a infância era diminuída, ou seja, algo tido como sem relevância. Dessa forma, as crianças eram inseridas na modelagem adulta o quanto antes. O espaço das crianças na Idade Média era ocultado, até então, as mesmas eram consideradas apenas ocupantes biológicos, sem autonomia existencial. O olhar diante desses seres, os definia como apêndices que pertenciam ao mundo das mulheres, aconchego em que conviveriam até conseguir sair do casulo e realizar as atividades necessárias da vida adulta, como o ato de trabalhar, se fazer presente nas guerras e no caso das mulheres a reprodução. Isto fez com que, as crianças precocemente seguissem uma trajetória de integração imediata no universo dos adultos (SARMENTO, 2004). “As crianças estavam lá, em carne e osso, mas não como pertencentes a uma categoria geracional sobre a qual não havia conhecimento” (QVORTRUP, 2014 p. 27). Diante disso, fica claro que mesmo com a existência das crianças, seus direitos eram ignorados, refletindo na ausência de um protagonismo infantil durante muito tempo.

[...] não importa que período da infância consideremos, sempre nos encontramos em presença de uma inteligência tão fraca, tão frágil, tão recentemente formada, de constituição tão delicada, com faculdades tão limitadas e exercendo-se por um tal milagre que, quando pensamos nisso tudo, não há como não se temer por essa esplêndida e frágil máquina (SIROTA, 2001 p.9).

O trecho acima, aborda de forma descritiva como o ato de tornar a criança um ser social era difícil, por conta da marginalização da infância. Para Buss-Simão e Silva (2008), outra segmentação a ser pensada, são as problematizações abordadas por Ariès, quanto aos olhares sobre a definição de criança e infância. Diversas são as interações culturais, sociais, econômicas e dentre outras, estas que são dialogadas e constituídas em momentos diferentes, espaços distintos e diante deste fato, a infância e a criança não será algo universal. As crianças caminham pela infância, mas essa fase não é estática, por sua particularidade geracional, a infância é dinâmica.

As produções da Sociologia da Infância se agregaram com a necessidade de romper com o que era dito sobre a criança, descrita até então como objeto passivo dos meios de

socialização. Com isso, seria possível definir um novo quadrante para as crianças nas investigações sociais (DIP; TEBET, 2019). Essa visão atualizada de infância estabeleceu uma crítica ao olhar apenas biológico que vinha sendo propagado em relação à criança. Os estudos do campo da infância fazem parte de um processo de emancipação da criança e o reconhecimento da infância como uma construção social.

A emergência da Sociologia da Infância gerou uma expansão e ao mesmo tempo uma atenção com enfoque na criança. É notório que, os estudos da infância possuem menor atenção, quando comparados aos demais, porém os dados produzidos com as crianças tiram toda a perspectiva adultocêntrica do fazer sobre elas. Tornando assim, uma característica dessa abordagem, a busca dos significados que as crianças criam e não o que os adultos determinam para elas (DELGADO; MULLER, 2005). A concepção de que o adulto é um ser superior e as crianças algo inferior precisa ser desconstruída, tendo em vista que as crianças são capazes de elaborar espaços e tomar decisões dentro do coletivo (DIP; TEBET, 2019).

Segundo Pretto e Lago (2013), algumas teorias elaboram um paralelo diante dos estudos feministas com estudos da infância. O entrelaçamento ocorreria diante da exclusão das mulheres e das crianças na produção do conhecimento durante um longo período. Historicamente, mesmo com a aparição da criança, a infância não existia e as crianças continuavam “escondidas” nas realidades sociais e decisões cotidianas.

A multidisciplinariedade que a categoria da infância trouxe, coadunou avanços nas diversas temáticas de estudos, tornando possível o ato de superar as visões até então de crianças como “adultos em miniatura” (BUSS-SIMÃO; SILVA, 2008). Ariès (1981), realiza apontamentos quanto à comparação das pinturas medievais na representação das crianças como homens em tamanhos reduzidos, demonstrando que a diferença entre o adulto e a criança era apenas na estatura e força. Nessa perspectiva, a criança era visualizada como um anão, evidenciado na figura 1 que retrata “Jogos Infantis” de Peter Bruegel em 1560, na ilustração é possível identificar as crianças com roupas de adultos em ações de brincadeiras daquele período.



Figura 1 – “Jogos Infantis”, Peter Bruegel, 1560. (Fonte: Bruegel, Peter. São Paulo: Abril Cultural, 1967).

A concepção de uma criança que está sofrendo modificações quanto a sua precoce inserção no mundo adulto, pode ser pensada na história do menino Peter Pan. O universo encantado que demonstra diversas aventuras, no qual a imaginação dos personagens é o guia da descoberta, apenas as crianças que acreditavam na “Terra do Nunca”, podiam frequentar aquele lugar mágico. Equidistante aos personagens da história e o contexto da criança e da infância, observa-se que, os pequenos não podiam se expressar e usar a criatividade. Assim, ao entrar no mundo fantasioso com inúmeras fadas, confrontos com piratas e poderes mágicos, as crianças se tornaram protagonistas daquele momento (GASPAR; CARVALHO, 2018).

Segundo Gaspar e Carvalho (2018), o conto infanto-juvenil Peter Pan, também apresenta uma personagem que tinha como função cuidar dos irmãos e realizar as tarefas de casa, antes de qualquer divertimento. A personagem Wendy, que age como adulta em diversos momentos da história, gerando um olhar de inexistência sociológica da criança e da infância. A infância deve ser entendida como uma fase própria do desenvolvimento humano, com suas construções e uma “costura” singular, sem remeter a personificação de um adulto incompleto (VASCONCELLOS; SARMENTO, 2007).

Em diferentes épocas o papel da criança foi estipulado pelos adultos, tornando-as dependentes dos pais. A infância por sua vez, tinha um caráter negativo, assim as crianças precisavam de regras a fim de se tornarem adultos do bem. Essa cobrança comportamental se

direciona com os processos de civilização, a criança seria então uma página em branco e a sociedade determina formas de civilizá-las (ELIAS, 1994). O intuito de programar a criança para conviver e seguir normas desse processo civilizador, cria uma barreira que impede que as crianças externalizem sentimentos e emoções por meio de jogos e brincadeiras (OLIVEIRA; SOUZA, 2018).

Segundo Muller (2007) ao entrevistar Willian Corsaro, o autor destacou que as crianças são criadoras e participantes de suas próprias culturas de pares. Para ele, essa cultura de pares da criança tem uma autonomia única. A cultura de pares é definida como um agrupamento de atividades, rotinas, e o valor que é formado em um determinado grupo de crianças, como consequência das interações e das brincadeiras (DIP; TEBET, 2019).

A infância pode ser entendida como uma fase da vida que nos remete a diversos momentos, como por exemplo o brincar, ato que encontramos em todos os lugares (SIMÃO, 2007). Para Brougère (2000), o brincar se faz presente como uma atividade humana, com suas interpretações e delimitações específicas. Essas ações são plásticas e podem mudar com o tempo, levando em consideração também a questão cultural, que se modifica constantemente. As socializações devem ser analisadas no coletivo, pois nesse instante a criança inicia suas negociações, compartilham e constroem culturas com os adultos e seus pares (DELGADO; MULLER, 2005).

Culturalmente foi estipulado uma divisão, em que o “brincar” é visto como uma realização contrária ao “trabalhar”. Diante disso, a brincadeira foi se tornando algo fútil e com segmentações opostas ao que é sério (BROUGERE, 2000). Essa perspectiva é limitadora, uma vez que o brincar envolve significações sociais. O conceito da Sociologia da Infância dialoga com a busca de interrogar a sociedade acerca das crianças e seus direitos próprios (SARMENTO, 2005). Destarte, a brincadeira “esbarra” na infância que por sua vez se incorpora em outras ações das crianças como o desenho infantil, capaz de unir o brincar e o ser criança.

3.2 O desenho infantil

A partir do desenho é possível elaborar ideias, construir formas e transformar o real, interligando os traços e por meio destes, colorindo o imaginário com a disposição de cores, sombras, detalhes e perspectivas. Ademais, o desenho infantil se caracteriza como um ato complexo, que vai além de preencher um canto da folha com um espaço em branco, ele se assemelha a uma radiografia que incorpora expressões, experiências e as representações das crianças. De acordo com Passos (2013) o desenho é um elemento dos momentos vivenciados

pelas crianças desde os primeiros rabiscos, transcendendo o brincar e as narrativas infantis, ele vem a ser relevante para compreender como se encontram as representações do universo infantil.

Dentro do contexto histórico, o desenho precede a escrita, as representações artísticas das pinturas rupestres, por exemplo, tinham o intuito de garantir a expressão e a comunicação entre os indivíduos da época. As linguagens da infância e o desenvolver a “livre expressão” se estabelecem desde a Semana de 22, quando Anita Malfatti e Mário de Andrade enfatizaram a importância e o destaque com essa natureza do deixar fazer (GOBBI; LEITE, 2002).

[...] a coleção de desenhos infantis presentes no acervo de Mário de Andrade, logo observamos que há inúmeros temas que foram representados pelas crianças. São cenários urbanos, como edificações, casas, meios de transporte, animais, flores, frutas, legumes, figuras humanas, ambientes domésticos, móveis, jardins, paisagens naturais, objetos pessoais, personagens de histórias em quadrinho, bandeiras, utensílios, entre outros (WIGGERS; SOARES, 2019).

Dessa forma, é de suma importância identificar as características de divertimento e das brincadeiras das crianças dessa época, seja por brincadeiras tradicionais, esportivas ou dentre outras. A quantidade de representações nos desenhos do acervo de Mário de Andrade, permitem uma visualização ampla de diferentes rabiscos, provocando as imaginações de quem os vê e relembando as possibilidades de quem os criou.

Na década de 40, as crianças do gueto de Terezín, produziram mais de quatro mil desenhos, pelo mandato do professor de arte Friedl Dicker-Brandeis. A coleção de desenhos permitiu a denúncia mundial do tormento vivenciado pelos judeus europeus, na perseguição nazista. A partir desses desenhos, foi possível averiguar a história da infância da época em questão (MEDA, 2014). Meda propõe que o desenho é um vestígio, fundamentado dessas fontes históricas, onde entende-se o momento que o desenho foi realizado e em alguns casos os fatores que levaram a essa produção.

O desenho infantil manifesta-se diante de uma oportunidade da criança se expressar de forma original e singular, viabilizando a comunicação, sendo assim um recurso de fala dos pequenos, contribuindo para o desenvolvimento integral. O desenho permite que as crianças atribuam sentidos e significados às suas experiências (GOLDBERG; FROTA, 2017). Por conseguinte, Melo (2020), aponta que o desenho assegura diversos benefícios, como o despertar da criatividade, trabalhando a mente e a socialização entre as crianças.

O mundo dos desenhos infantis expressa histórias que serão contadas, interpretar um desenho se destaca como um ato valoroso, porém deve ser analisado de forma correta, visto que é necessário entender além da narrativa. Por conseguinte, a experiência cria uma interação entre a situação e o agente, que podem ser modificados ou não. Um lápis e uma folha de papel que são entregues a uma criança, consentem um instante infantil cheio de narrativas, experiências e olhares das mesmas, criando um método de compreender e interpretar o que essa criança tem a mostrar, estas que possuem vozes a serem ouvidas, colocando na folha “o seu mundo” (GOLDBERG, 2019).

O desenho, ato estritamente humano e uma das manifestações da infância, realiza a integração entre pensamento e imaginação, podendo expressar a cultura infantil de um tempo e de um lugar [...] evidenciamos a presença de brincadeiras, esportes, manifestações culturais, assim como a linguagem visual acessível, por exemplo, em livros de colorir (WIGGERS; SOARES, 2019).

A interlocução do pensamento e imaginação, se associa com o gesto de desenhar a brincadeira como uma prática corporal e as crianças como protagonistas dessa ação. Conforme Goldberg, a característica gráfica infantil incorpora situações do cotidiano, quando entendido como uma ferramenta de comunicar-se, o desenho atinge um processo de criação que viaja pelo antes, durante e depois, envolvendo um misto de vivências e da imaginação. Gobbi e Leite (2002) expressam que a imaginação e a realidade do dia a dia com mediações pela linguagem, unifica a configuração do desenho acerca do que a criança conhece, demonstrando as significações que são elaborados pela interação social das crianças.

A sensibilidade ao visualizar um desenho, garante a oportunidade de conhecer quem o fez, como se apresentam suas fantasias, os olhares atentos, as vontades, rejeições, lembranças, como se dão as questões estéticas, e principalmente a forma de ver e estar naquele ambiente. Portanto, a representação do desenhar, busca responder problematizações que geraram inquietação (GOBBI, 2014).

Existem processos de transformações do desenho infantil, que caminham com o desenvolvimento da criança. Antes de qualquer coisa, as crianças se apropriam da imitação para envolver o real e o imaginário no ato de criar pensamentos, situações favoráveis ou não que aconteceram na sua vida (MELO, 2020). Segundo Moura (2011), os desenhos das crianças não se estabelecem como cópias da realidade, diferente de como os adultos representam, elas criam e colocam no desenho aquilo que identificaram como necessário naquele momento.

Dentro das etapas do rabisco infantil, o desenho é a primeira escrita das crianças, com isso é possível identificar fases que são caracterizadas como: etapa da garatuja, etapa pré-esquemática e etapa esquemática. A etapa garatuja acontece entre o primeiro ano de vida e os quatro anos de idade, nesse momento o olhar mágico da criança é despertado com o início dos rabiscos, e caso o papel não seja disponibilizado a criança começa a testar os desenhos nos móveis da casa, nas paredes e em alguns casos, os próprios membros do corpo (MELO, 2020).

A etapa pré-esquemática se caracteriza como uma fase mais egocêntrica que vai dos quatro aos seis anos de idade, nesta etapa aparecem alguns aspectos de realidade, como linhas ordenadas. A relevância dada às emoções e sentimentos aparecem com maior aprofundamento, porém com representações exageradas. Por fim, a etapa esquemática vai dos sete aos nove anos de idade, instante que a criança expande o conceito de formas, outra temática dessa fase são as experiências, quanto mais momentos, maior a progressão dessa criança (MELO, 2020). Wiggers (2003) expressa que o gesto sobre um papel, seja com um lápis ou canetinha está presente também nas ações das crianças maiores, estabelecendo uma estrutura que aos poucos vai se modificando de acordo com as faixas etárias.

Conforme Meda (2014), muita das vezes os desenhos eram avaliados como não confiáveis, por terem confecções de origem infantil, considerados como sujeitos passivos. Porém, atualmente encontra-se uma compreensão evolutiva acerca dessa abordagem, considerando as crianças como atores sociais. Uma questão tradicionalmente questionada nos estudos com crianças, são as relações tendenciosas entre o pesquisador e a criança que é o sujeito da pesquisa, em que o adulto pesquisador torna-se o personagem principal, assim existe um desafio em oferecer aos pequenos, condições para atuarem como protagonistas, para isso os pesquisadores devem diferir e separar eles e as crianças (WIGGERS; FLAUSINO, 2020).

A observação diante do desenho, requer muita cautela e curiosidade, onde é notório a integração dos desenhos a partir de: rituais da infância, criações de ambientes, a forma como a hierarquia é demonstrada, e como as relações geram impactos que contribuem para os significados dados à infância (GOBBI, 2014). Dentro da perspectiva de observação é importante pensar de forma crítica para perceber os desenhos, com uma leitura profunda, analisando os diversos níveis, sendo eles a faixa etária, contexto histórico, contexto cultural, mandato recebido e o nível de espontaneidade (MEDA, 2014).

O contexto cultural disponibiliza algumas questões frente às influências, como por exemplo os ensinamentos de como desenhar. As características do mandato recebido, ou seja, do comando em que foi dado a criança, é de extrema relevância, pois a partir do mesmo a

criança desenha o que quer e sente vontade ou o que o professor solicitou. Por fim, o nível de espontaneidade reflete a liberdade de expressão do desenho, que se integra com outras particularidades (MEDA, 2014).

A Compreensão do desenho infantil, perpassa por diferentes abordagens, sejam elas psicológicas, históricas ou filosóficas, que estreitam diferentes dimensões, tendo em vista que as crianças muitas das vezes não se comunicam da maneira tradicional, como as falas, a escrita e a leitura, mas o desenho se encaixa como um novo olhar (GOBBI; LEITE, 2002).

O desenho possui uma vertente de se apresentar junto a oralidade, assim podendo ser visualizado como sozinho ou acompanhado das falas das crianças, instrumento utilizado na área psicológica como “testemunho” em que são realizadas entrevistas com as crianças, sobre o que foi feito no desenho, uma linguagem que se apresenta como recurso na interpretação do mesmo. Para Gobbi (2002) o desenho infantil quando relacionado a oralidade, entrelaça informes quanto às configurações do contexto histórico e social em que as crianças se encontram. Portanto, o desenho pode expressar múltiplos sentidos, como é o caso das brincadeiras e as preferências de cada criança.

3.3 As brincadeiras preferidas

Durante o brincar as crianças participam de um espaço lúdico que possibilita diversas criações (BROUGERE, 2000). Nesse sentido, muito se é revelado quando as crianças brincam, pois, as mesmas se expressam por meio do corpo, tornando a brincadeira uma linguagem corporal. Para Fortuna (2018) a brincadeira estabelece um laço onde o sujeito interage com ele mesmo, com os outros e com o meio, evidenciando o brincar como uma forma de comunicação.

As brincadeiras oportunizam uma infinidade de experiências, sem as cobranças rigorosas de seguir uma determinada performance ou habilidade específica de movimento com excelência, reverberando nas possibilidades de criar, compreender, gerar autonomia, domínio corporal e outras (KISHIMOTO, 1996). Outrossim, as brincadeiras são ferramentas que facilitam o processo de construção das culturas lúdicas das crianças, em que as mesmas participam ativamente da criação desses repertórios (SILVA, 2011).

A concepção ocidental hegemônica de infância anterior ao século XX ignorava as crianças enquanto atores sociais, dessa forma impedindo que as mesmas fossem identificadas como produtoras de suas próprias culturas (BARBOSA, 2014). Porém, quando as crianças passam a ser vistas como criadoras de culturas, os elementos geracionais e culturais que foram

transmitidos pelos adultos, permanecem nessas relações, mas com novas possibilidades de formular brincadeiras e originar corpos brincantes, que fazem parte das culturas infantis (SPRÉA; GARANHANI, 2014).

Os aprendizados, trocas, conhecimentos do que é novo durante o brincar instaura uma sinapse do faz de conta, em que as crianças vivenciam as brincadeiras que estão presentes no seu contexto. Entretanto, essa relação extrapola um simples espaço, sendo reproduzida nos grupinhos de amigos, na rua, na escola e outros locais (GOMES; BARBOSA; OLIVEIRA, 2019). Fortuna (2018) afirma que o brincar é aprender e promove a liberdade, as sensações imprevisíveis que podem ocorrer durante as atividades. Nessa perspectiva, mesmo que as crianças não estejam programadas para assimilar algum conteúdo, a ludicidade dessa ação favorece essa aprendizagem.

A brincadeira se faz presente na vida da criança desde o nascimento, quando os pequenos pegam objetos que emitem sons, batem palmas, interagem com os sujeitos. Esse contato social contribui para as experiências futuras (TEIXEIRA, 2017). O brincar engloba as características do espaço onde a brincadeira acontece, sendo as diferenças e similaridades daquela cultura, bem como os hábitos e atividades do cotidiano (KISHIMOTO, 2014). Assim, as brincadeiras garantem não apenas o desenvolvimento motor e cognitivo, mas também as relações afetivas e sociais (KISHIMOTO, 1996).

O desenvolvimento integral das crianças envolve os aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos de maneira homogênea, tendo em vista que esses domínios não se separam durante a brincadeira. Portanto, conhecer as culturas infantis permite um olhar cuidadoso para as práticas lúdicas na escola, proporcionando ações que as crianças sejam protagonistas e com a oportunidade de um desenvolvimento integral (BISPO; BISPO; SALAZAR, 2020). Além disso, a criatividade, imaginação e outros elementos fazem parte das ações do brincar (SCALHA; SOUZA; BOFFI, 2010).

A visualização da brincadeira como uma atividade que separa o mundo dos adultos e das crianças, desencadeia uma marginalização do brincar, como se as crianças não tivessem direitos e decisões na sociedade. Todavia, as crianças apontam significados diferentes para as brincadeiras (TOMÁS; FERNANDES, 2014). Ainda nesse sentido, a brincadeira é pensada em diferentes aspectos, como um ensejo para as crianças demonstrarem suas vontades e se expressarem, mas também de uma ação orientada por adultos, para fins pedagógicos, transmissão de saberes ancestrais e contribuições para socialização das crianças (SILVA; GUIMARÃES; VIEIRA, FRANCK; HIPPERT, 2005).

A história das crianças escritas pelas próprias, necessita da libertação da visão adultocêntrica que interrompe a liberdade do brincar e de viver a ludicidade (COELHO; LIMA. SANTOS; SOBRINHO, 2021). Para tal, é necessário compreender o direito de brincar, em que a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) com a lei 8.069 de 1990 que destaca no art. 16 que a criança tem direito de brincar, praticar esportes e divertir-se. Em consonância a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 prevê direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, no qual o brincar deve estar presente em diferentes tempos e espaços, contribuindo para a imaginação, criatividade, experiências e outras.

Sobretudo, as brincadeiras podem ser consideradas como práticas corporais. As práticas corporais são fenômenos que se manifestam, necessariamente, ao nível corporal e são constituídas pelas manifestações da cultura de movimento, como jogos, danças, esportes, brincadeiras e outras atividades (SILVA; DAMIANI, 2005). Essas práticas delineiam pedagogias que intervêm sobre o corpo, nele imprimindo as marcas do processo histórico, político e cultural. Consequentemente as aulas de Educação Física devem propiciar o brincar em suas diferentes possibilidades.

Na organização tradicional da escola onde muitas vezes os corpos são aprisionados com filas, posicionamentos e demarcações, o brincar é fundamental na libertação dos movimentos e expressões corporais (SURDI; MELO; KUNZ, 2016). O brincar como ferramenta pedagógica nas aulas de Educação Física proporciona um caráter estimulador para as crianças que deve ser evidenciado na atuação dos professores, levando em consideração que os jogos e brincadeiras contribuem para a formação humana, indo além de um simples gesto motor (MAIA; FARIAS; OLIVEIRA, 2020).

CAPÍTULO 4 - “EITA, PAM PAM PAM, VOU CONTAR PRO TIO”

O capítulo a seguir demonstra as análises realizadas a partir da interpretação e compreensão dos desenhos da coleção com a temática de brincadeiras preferidas, levando em consideração as categorias que foram evidenciadas nos desenhos, as descrições realizadas pelos pesquisadores inventariantes por meio do protocolo de descrição dos desenhos de brincadeiras e os relatos dos pesquisadores mediante as transcrições das entrevistas.

4.1 “Senta que lá vem história”

O inventário da coleção de desenhos infantis do Imagem representa um recurso com diversas fontes que protagonizam as produções de crianças por meio de trabalhos acadêmicos em nível de graduação e pós-graduação que destacam a utilização dos desenhos enquanto metodologia em pesquisas com crianças de 2001 a 2021. As quatro pesquisas reunidas para esta pesquisa correspondem a quatro escolas em que foi solicitado às crianças que desenhassem sua brincadeira preferida. Sendo duas escolas no Distrito Federal, uma na região administrativa de Arniqueira na Escola Classe Arniqueira, na qual as crianças da pesquisa tinham entre 7 e 8 anos de idade (BARRETO, 2018). A segunda escola na região administrativa de São Sebastião, na Escola Classe Aguilhada, com crianças de 6 e 7 anos de idade (PRAÇA, 2016).

Ademais, o estudo contempla uma pesquisa realizada em Campinas, cidade do estado de São Paulo, na Escola Violeta Dória Lins, em que a faixa etária dos estudantes era de 6 e 7 anos (FERREIRA, 2020). Por fim, a pesquisa de campo exercida em uma escola pública de Hannover na Alemanha, na qual a faixa etária dos estudantes era de 5 a 8 anos de idade (WIGGERS, 2016). Destarte, a junção de todos os desenhos produzidos nas respectivas pesquisas, apontam um repertório com 83 desenhos que expressam 83 brincadeiras de diferentes tipos, categorias e formas.

Os temas dos desenhos solicitados às crianças representam os seguintes eixos norteadores: “Minha brincadeira favorita na escola”, “Minha brincadeira preferida” e “As brincadeiras que eu mais gosto de brincar na escola”. Em todas as pesquisas cada criança explicou oralmente qual a brincadeira desenhada, o que foi registrado pelas pesquisadoras a lápis no verso da folha. Esse procedimento ocorreu após a confecção dos desenhos. Combinar as artes confeccionadas pelas crianças permite dar voz às mesmas, assim como aponta Gobbi (1999) que destaca a importância dos desenhos das crianças que falam e interpretam suas próprias execuções, interligando a oralidade e o desenho infantil como linguagens.

Como forma de compreensão das brincadeiras preferidas e suas variações nas pesquisas da coleção do Imagem, partimos para um aprofundamento da interpretação das brincadeiras. Para tanto, os pesquisadores inventariantes utilizaram um protocolo de descrição dos desenhos sobre brincadeiras, considerando aspectos visuais, de cores, movimento e distribuição no espaço do papel, propiciando um detalhamento interpretativo. Por conseguinte, esses relatos foram organizados no quadro geral do inventário. No entanto, salienta-se que o intuito não era diagnosticar os desenhos das crianças, mas mediar um diálogo entre o desenho e a oralidade das crianças, porém, organizados por pesquisadores adultos.

Os desenhos das crianças de Arniqueira foram produzidos no ano de 2016, totalizando 29 peças, enquanto as crianças de Campinas realizaram em 2019, somando 20 desenhos. As produções dos estudantes de São Sebastião em 2014 retratam 19 obras e, por conseguinte, 15 desenhos confeccionados na escola pública de Hannover realizados no ano de 2016. Realizando uma comparação cronológica de 2014 a 2019, período das produções das crianças, identificamos uma pluralidade de preferências por brincadeiras em diversos segmentos, como de brincadeiras inventadas, brincadeiras geracionais, esportivas e vivenciadas no cotidiano dentro e fora da escola. Além disso, percebemos um incremento de brincadeiras com vídeo-game, jogos e interfaces midiáticas.

Em uma visão geral das brincadeiras que foram ilustradas nas folhas de papel, é possível observar múltiplas significações como por exemplo nas pesquisas em Brasília há uma intensidade das cores que as crianças utilizaram, delimitando os fundos, os contornos e organizações dos traços, bem como a interação entre os pares evidenciada na grande maioria dos desenhos. Ademais, em Campinas os desenhos apresentam detalhes nas brincadeiras, como a cor da corda, os equipamentos do parquinho. Contudo, nesse segundo conjunto os elementos cenográficos foram retratados poucas vezes, como o fundo, o chão e o céu. Os desenhos da pesquisa em nível internacional refletem elementos de jogos de tabuleiro e vídeo-game com muita ênfase, atribuídos com uma potência de detalhes. Destarte, o desenho deixa de ser apenas um método e simboliza as experiências do brincar na perspectiva das infâncias.

Nesse sentido Wiggers (2020), relata que:

[...] eu venho percebendo gradativamente, tanto na prática da pesquisa quanto nas leituras e nas teorias sobre infância e os desenhos, que os desenhos são uma forma heurística de fazer pesquisa com crianças, de modo que você consiga se apropriar do pensamento, das sensações, das emoções, da imaginação das crianças, e como pesquisadora consigo estabelecer um diálogo, uma interação com as crianças, e produzir uma análise sobre as culturas infantis em qualquer tema (WIGGERS, 2020. Informação verbal).

Na entrevista realizada com a pesquisadora do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação – Imagem, Ingrid Wiggers, observamos que por mais que sejam os adultos que organizam, escrevem e apresentam, são as crianças que transmitem suas percepções por meio do desenho e da fala. Assim, facilitando a apropriação dos adultos sobre as confecções das crianças, evitando olhares adultocêntricos que menosprezem as culturas infantis e suas tematizações. Compreender as brincadeiras preferidas por meio dos desenhos que expressam peculiaridades regionais, culturais e singulares das crianças, requer um detalhamento acurado. Portanto, para visualizar os repertórios a partir das características presentes nas brincadeiras, elaborou-se a Tabela 1.

Tabela 1- Os tipos de brincadeiras e a quantidade de vezes que cada brincadeira foi representada nos desenhos.

Tipos de brincadeiras	Quantidade
Brincar no parque	9
Futebol	9
Brincar de pular	7
Pique-esconde	7
Carrinho	6
Pique-pega	5
Brincar de escolinha	4
Casinha	4
Jogo de tabuleiro	4
Pique-alto	4
Brincar com os amigos	3
Vídeo-game	3
Brincar de bola	2
Polícia e ladrão	2
Azuzão*	1
Brincar de arco-íris	1
Brincar de cavalo	1
Brincar de correr	1
Cobra-cega	1
Conto de fadas	1
Dinossauro	1
Natureza	1
Ping-pong	1
Relâmpago Maquin	1

Superói	1
Velozes	1
Vôlei	1
Zumbi	1
Total:	83

Fonte: O autor. * Azuzão: personagem de vídeo-game.

Os desenhos das crianças indicam tipos de brincadeiras como: pique-alto, pique-esconde, brincadeira de pular, polícia e ladrão, brincar no parque, pique-pegas, que se relacionam com a categoria de brincadeiras tradicionais. Na tabela é possível verificar que as brincadeiras tradicionais repercutem nas preferências dos pequenos, onde a escola é um espaço privilegiado para que aconteçam as brincadeiras (BARRETO, 2018). Assim, ampliar o repertório das crianças com brincadeiras de cobra-cega, piques, parquinhos, brincadeiras de pular, correr, de escolinha, possibilita um avanço durante as aulas de Educação Física onde ocorre uma difusão dessas práticas corporais, permitindo que as crianças se expressem, aprendam e elaborem novas brincadeiras.

Além disso, evidenciam-se componentes do futebol e vôlei que se integram às brincadeiras esportivas, sendo temáticas que se relacionam com bolas, esportes coletivos e ações de competição. Os esportes estão inseridos no contexto escolar por meio de um dos conteúdos da Educação Física. Entretanto, ultrapassando os muros dessas instituições, as crianças brincam com golzinhos, campeonatos de embaixadinha, substituem as traves do gol por sapatos e chinelos, distribuem os times e definem os uniformes, bem como estipulam as regras e determinações daquele espaço.

Determinados desenhos sinalizam as brincadeiras midiáticas, conforme um deles que representou um carro, intitulado “Relâmpago Maquin”, personagem fictício de filmes de animação onde os carros possuem falas e fazem parte de uma sociedade exclusiva de automóveis, demonstrando a presença da mídia no cotidiano dos pequenos. O universo da brincadeira concatena um conto de fadas entrelaçados com um ataque zumbi e um forte abraço do ursinho que aparece na televisão, povoando o imaginário das crianças, que utilizam desses elementos para se expressarem.

A tabela 2 realça as três categorias supracitadas, nas quais se situam as brincadeiras preferidas, sendo elas as tradicionais, as esportivas e as midiáticas.

Tabela 2- Identificação das categorias de brincadeiras preferidas em Arniqueira, Campinas, São Sebastião e Hannover.

Locus	Tradicionalis	Esportivas	Midiáticas	Total:
Arniqueira (Brasília)	14	8	7	29
Campinas (São Paulo)	18	2	0	20
São Sebastião (Brasília)	17	2	0	19
Hannover (Alemanha)	11	0	4	15
Total:	60	12	11	83

Fonte: O autor.

Assim, do total de 83 brincadeiras, 60 correspondem às categorias de brincadeiras tradicionais representando 72,28% das obras. Nessa perspectiva, Fantin (2006) propõe que apesar das alterações sociais e reformulações do brincar, a criança continua brincando e as brincadeiras tradicionais se fazem presentes, estabelecendo nuances entre o tradicional e o contemporâneo. Quanto aos desenhos que se enquadram na categoria de brincadeiras esportivas, foram evidenciadas oito brincadeiras na pesquisa de Barreto (2018), duas na pesquisa de Ferreira (2020) e Praça (2016) e nenhuma no estudo de Wiggers (2016), representando 12 brincadeiras do total de 83.

Por fim, os desenhos que retratam a categoria de brincadeiras midiáticas expressam 7 tipos na pesquisa de Brasília e 4 na pesquisa realizada na Alemanha. Os desenhos que sugerem interfaces com a mídia precisam ser considerados, pois a mídia circunda momentos das crianças e suas infâncias, tanto nacionalmente como internacionalmente como observado na tabela 2.

Os desenhos produzidos nas quatro pesquisas também demonstram similaridades na diversidade de brincadeiras esportivas, como o futebol de sabão, de quadra, no campo, bem como futebol de cinco. Outrossim, diferenças regionais entre as quatro pesquisas foram evidenciadas por meio dos desenhos, como os títulos das brincadeiras nomeadas pelas crianças, que apresentam distinções, pois em Brasília elas descrevem “pique-esconde” e na cidade de Campinas “esconde-esconde”. A brincadeira de pique-pega retratada nos grafismos de Brasília revela uma formulação diferenciada em Campinas, onde a criança nomeia como “pega-pega americano”, com regras e movimentos diversificados. Além disso, visualiza-se que as crianças de Campinas desenhavam brincadeiras em parques com maior frequência que as crianças das pesquisas de Brasília e Hannover. Em suma, verifica-se que os desenhos da pesquisa internacional destacam brincadeiras que também são praticadas no Brasil, como polícia e

ladrão, vídeo-game e carrinho. Portanto, o brincar abrange uma variação de nomenclaturas e formas.

Por meio da análise desenvolvida, é possível identificar que a escola é um espaço importante na propagação das culturas infantis, onde as crianças experimentam e apreciam as brincadeiras tradicionais. Todavia, existem resquícios esportivos e midiáticos quando se trata das brincadeiras preferidas de cada criança que participaram das quatro pesquisas que compõe a coleção de desenhos do Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação – Imagem.

4.2 “Qual o seu super poder?” – brincadeiras midiáticas

Após organizar e identificar as categorias das brincadeiras, realizamos a interpretação das brincadeiras em interlocução com os desenhos das crianças participantes das quatro pesquisas. Para esse fim, o protocolo de descrição dos desenhos de brincadeiras criado pelos pesquisadores inventariantes, permitiu uma compreensão e interpretação das culturas infantis por meio dos desenhos das crianças de duas escolas de Brasília, uma em Campinas e uma em Hannover na Alemanha.

Figura 2- “Superói”



Fonte: Barreto, 2018.

A partir do protocolo de descrição, a figura 2 ressalta o desenho que apresenta uma brincadeira com a temática de super-herói (brincadeira), o desenho destaca dois personagens fictícios de animações. O enquadramento da brincadeira preenche a parte inferior da folha com perspectiva anterior. Diversas cores foram utilizadas seguindo a referência de cores das vestimentas de cada personagem, os traços são finos e a obra destaca movimento e algumas formas geométricas como círculos e retângulos. De forma complementar, saliento a importância da percepção da criança ao desenhar esta brincadeira, em que a mesma descreveu “Esta é a Leiribang e o queshi noia. É um homem e uma mulher. É da televisão”. A brincadeira faz parte da categoria midiática, onde visualizamos a influência midiática nas relações do brincar das crianças.

A cultura corporal infantil não se apresenta predominantemente pelas representações midiáticas, conforme Passos *et al* (2017), a cultura infantil depende da particularidade de cada criança, bem como das ressignificações que acontecem na escola, com os pares e outros. Portanto, por mais que as crianças brinquem e se divirtam com momentos midiáticos, não se pode determinar que elas vivenciam a mídia em todas as ações do cotidiano.

O envolvimento das mídias por meio das tecnologias durante as aulas de Educação Física deve propiciar uma discussão que problematize a realidade escolar como forma de levar a informação para as crianças acerca das tecnologias e comunicações (TOCANTINS; WIGGERS, 2010). Em suma, nas aulas de Educação Física é possível dialogar com os estudantes sobre as tecnologias da informação bem como as interações midiáticas que as crianças estão inseridas, como forma de adentrar na realidade das infâncias que querem se expressar.

4.3 “1, 2, 3 Salve eu!” – brincadeiras tradicionais

O inventário da coleção do Imagem revela as brincadeiras tradicionais como um artefato do universo infantil, onde o esconde-esconde, corridas, pique-cola e outras atividades são representados pelas crianças como ações favoritas no cotidiano da escola.

Figura 3 – “Esconde-esconde”



Fonte: Ferreira, 2020.

A figura 3 expressa o desenho com a temática de esconde esconde (brincadeira), grupo com duas crianças representadas, enquanto uma conta na parede (balão de fala com números), a outra se esconde atrás da árvore. O desenho preenche todo o espaço da folha A4, em visão anterior, com traços fortes e fragmentados. As cores predominantes são: marrom, verde e azul. Há um céu com nuvens e sol, um solo com grama e raízes. Foi evidenciado formas geométricas no desenho.

A figura 3 faz parte da pesquisa de Ferreira (2020), onde a criança se divertiu ao estampar os corpos brincando, utilizando diálogos, cenários e muito movimento. A categoria que se enquadra nesta brincadeira é a do tipo tradicional, que nos permite refletir sobre a atuação das crianças com os pares e com suas próprias culturas. Quando as crianças elaboram estruturas e regras de alguma brincadeira elas produzem suas próprias culturas, através das trocas, interação e dos aprendizados durante os acordos do brincar.

As brincadeiras tradicionais também conhecidas como populares carregam significações culturais, rodeadas por fenômenos históricos e sociais onde as crianças atuam ativamente nesse processo, trazendo suas bagagens com experiências e repertórios de novas

formas de brincar (SANTOS; MATOS; ALMEIDA, 2009). Desse modo, é importante ressaltar as culturas infantis, principalmente durante as aulas de Educação Física onde a brincadeira é um conteúdo que contribui integralmente para as vivências das crianças.

4.4 “Chuta pro gol” – brincadeiras esportivas

A criança participante da pesquisa de Barreto (2018) expressou todo o seu favoritismo pelo jogo de futebol que se encaixa na categoria de brincadeira esportiva:

Figura 4 – “Futebol”



Fonte: Barreto, 2018

A temática é de futebol na figura 4, onde o desenho retrata 2 times em campo com goleiros e bandeiras marcando a pontuação. O enquadramento da brincadeira preenche todo o espaço com perspectiva superior, traços finos e diversas cores foram utilizadas. O desenho expressa movimento a partir dos corpos no meio de campo, formas geométricas como círculos, retângulos e quadrados foram evidenciados.

As representações dos jogos de futebol nos desenhos das crianças brasileiras podem expressar as diferenças sociais, econômicas, culturais e políticas que essa modalidade apresenta, por trás de uma simples partida com dois times em campo, tendo em vista que a incorporação do futebol no Brasil possibilitou uma expansão dos praticantes, deixando de ser um esporte

restrito a classe dominante. Assim, o futebol se disseminou nas “peladas” e no movimento popular (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Dessa forma, as crianças estão inseridas no contexto social em que esse esporte é vislumbrado desde muito cedo, logo na infância são presenteados com bola de futebol, chuteiras e camisas de time, demonstrando uma influência na escolha dessa brincadeira esportiva preferida por muitas crianças.

Ainda nesse sentido, nos desenhos do recorte do presente estudo, nenhuma menina retratou o futebol como uma brincadeira preferida, ressaltando que existe uma desigualdade de gênero quando se trata dessa “paixão nacional”. Nas aulas de Educação Física os corpos masculinos são instigados a praticar o futebol, diferente dos corpos femininos. Junior e Darido (2010) destacam que atividades e propostas de futebol misto, permite uma reflexão crítica por parte dos estudantes acerca do preconceito de gênero durante as aulas de Educação Física.

4.4 “É brincadeira de menino e de menina” – uma questão de gênero

No que diz respeito às questões de gênero, verificamos que nas brincadeiras tradicionais, meninos e meninas brincam juntos de piques, escolinha, casinha, parque e outros, ressaltando que nesse tipo de brincadeira, ambos vivenciam as experiências lúdicas que fazem parte das culturas infantis. Entretanto, quando se trata de brincadeiras esportivas, existe uma prevalência de esportes como futebol, brincadeira com bola e volêi como prática restrita aos meninos, retratada por meio dos desenhos das quatro pesquisas da coleção do Imagem. Nesta sequência, os meninos concebem diversidades de jogos de futebol, enquanto as meninas não expressam essa modalidade em seus favoritismos, no entanto, os comandos dos desenhos se estabeleciam a partir da brincadeira preferida, ou seja, não significa que as meninas não brincam de futebol.

Ao se tratar das brincadeiras midiáticas, percebe-se que o imaginário das crianças se faz presente e elas recriam o brincar de diferentes formas, tanto para as meninas no momento de brincadeiras sobre arco-íris, conto de fadas e super-heróis, como para os meninos que intitulam suas brincadeiras como: “relampago maquin”, “dinossauro”, “azuzão” e “zumbi”.

As diferenças de gênero durante o brincar são fruto de uma construção cultural que separa e define os brinquedos masculinos ou femininos desde o nascimento, na escolha das fraldas, babadores e brinquedos (ODININO, 2015). Ademais, esses estereótipos de gênero impostos pelo mercado, ditam essas influências e excluem as brincadeiras como possibilidade de qualquer criança se divertir. Nessa perspectiva, as ações consideradas de menina seriam impróprias para os meninos, criando uma tipificação sexual, que gera uma pressão no brincar desse determinado grupo (CARVALHO *et al.*, 1993).

As quatro pesquisas analisadas neste estudo demonstram que as crianças brincam juntas e modelam as regras, tipos, os personagens e ações, como se fossem massinhas de modelar que colorem o imaginário das infâncias. Diante disso, a segregação de gênero estipula um desencontro entre as crianças e o brincar, ou seja, os espaços e vivências das brincadeiras devem pensar nas crianças enquanto suas necessidades e interesses, compreendendo as individualidades, mas levando em consideração que determinada brincadeira é de menino ou menina dificulta o processo de socialização, trocas e aprendizados.

4.5 Viajando na brincadeira – desenho entre países

O preparo para o desembarque no universo infantil demanda uma mala repleta de brincadeiras, assegurando uma aterrissagem segura e criativa. Portanto, pensar e compreender as brincadeiras em diferentes espaços propicia uma visão das crianças enquanto produtoras de culturas em diversos locais. Deste modo, buscamos comparar uma mesma brincadeira desenhada por uma criança do Brasil com uma obra desenhada na Alemanha. A brincadeira de polícia e ladrão se refere à um tipo de brincadeiras com “perseguições” por meio da corrida e o contato entre os participantes com ações de capturas por exemplo (FARIAS; WIGGERS; FREITAS, 2019).

Figura 5 - Moseum/polizist/dieb

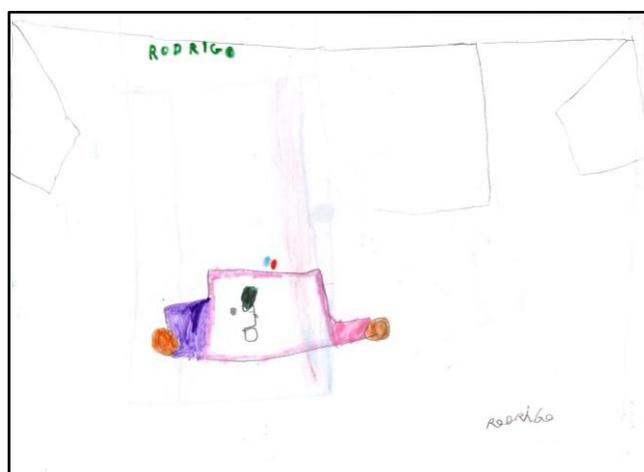


Fonte: Wiggers, 2016.

O desenho da figura 5 apresenta a temática de polícia e ladrão, em que retrata duas pessoas sendo um policial e um ladrão dentro de um local fechado. O enquadramento preenche

todo o espaço com perspectiva anterior. O cenário apresenta uma cadeira com porta e paredes, um céu bem colorido de azul e um sol, as vestimentas das duas pessoas são diferentes, o policial está vestido com uma farda azul e o ladrão com camiseta, calça e uma touca. Os traços são finos e o desenho apresenta diversas cores, o mesmo demonstra movimento e aparecem algumas formas geométricas como círculos, quadrados e retângulos. A criança de Hannover expressou no desenho elementos que atribuem o papel do ladrão e do policial dentro da sociedade, onde durante o brincar esses personagens são fantasias que determinam quem deve se esconder e fugir dos policiais e os que irão prender e proteger a população.

Figura 6 - Polícia e ladrão



Fonte: Barreto, 2018.

O desenho da figura 6 com a temática de polícia e ladrão retrata um carro da polícia com uma pessoa dentro. O carro possui sirenes com enquadramento central e perspectiva lateral. O cenário apresenta poucos detalhes, com cores apenas no carro. Os traços são finos e o desenho retrata movimento, é possível identificar formas geométricas como quadrados, círculos e retângulos. A presente obra foi realizada por uma criança de Brasília que verbalizou “Este é o carro da polícia. Eu sou o policial”, onde é possível identificar o interesse do menino em atuar na carreira militar. A autora Barreto (2018) relata que alguns familiares das crianças onde o desenho foi confeccionado eram policiais, evidenciando as características dessa brincadeira no desenho. Em suma, tanto o desenho da criança brasileira como o da criança alemã corroboram com a compreensão de que as brincadeiras tradicionais fazem parte das culturas infantis independentemente do local que o brincar foi vivenciado com um início, meio e fim.

5 “AGORA QUE A BRINCADEIRA TAVA FICANDO BOA”

A brincadeira aflora uma sensibilidade nas crianças por meio de seus corpos durante o brincar, no qual essas práticas devem permitir que as crianças sejam especialistas e construtoras desse processo. Para isso, reconhecer a infância como categoria social e as crianças como protagonistas de seus papéis na sociedade é fundamental, proporcionando vivências no brincar, desenhar, sorrir, cantar e tantas outras, tendo em vista que estas são ações que permeiam o universo infantil.

O estudo revela que os espaços das aulas de Educação Física ampliam o repertório de brincadeiras das crianças, sendo considerado um lugar de difusão das brincadeiras como um todo, principalmente das brincadeiras tradicionais em que as crianças aprendem com os familiares, com os pares e confabulam uma transmissão de culturas infantis no contexto escolar. Destarte, o inventário contribuiu com a visualização das potências infantis mediadas pelo desenho e suas vozes, privilegiando as falas das crianças.

Com base nos desenhos das crianças da coleção do Imagem, foi evidenciado a presença das brincadeiras tradicionais como as preferidas dos pequenos. Nas quatro pesquisas do recorte para este estudo as brincadeiras tradicionais representam o favoritismo das meninas e meninos que brincam juntos nessa esfera. Assim, as gerações continuam alavancando o pique-esconde, pique-pega, cobra-cega, brincar no parquinho, pular corda, polícia e ladrão e outras.

As brincadeiras alusivas aos esportes ressaltam que o futebol, vôlei e outras brincadeiras com bolas estão situados na convivência das crianças, onde as mesmas experimentam o esporte em diferentes espaços, como o futebol de campo, em quadra, de cinco e de sabão. Entretanto, os desenhos das meninas deste recorte não ilustraram uma atuação com protagonismo nessa categoria de brincadeiras esportivas. Propiciando uma reflexão crítica sobre as desigualdades de gênero no esporte e nas relações do cotidiano escolar das crianças.

Ademais, os desenhos das crianças revelam a influência da mídia, que foram evidenciadas nas brincadeiras, com os aspectos da imaginação, a caracterização e encantamentos com personagens da televisão ou jogos de vídeo-game, bem como dos aportes culturais que as crianças estão inseridas por meio de propagandas e vídeos. Além disso, observamos que apesar das diferenças culturais e regionais das brincadeiras confeccionadas nos desenhos da coleção, existe uma intersecção das culturas infantis no mundo das crianças. Logo, por mais que a nomenclatura ou a regra de uma brincadeira seja diferente, as intencionalidades

e vivências estão expostas nas percepções de cada criança, demonstrando uma diversidade de corpos brincantes que atuam no cotidiano das infâncias.

Portanto, compreender as brincadeiras e os desenhos no contexto escolar como atividades típicas da infância possibilita uma aproximação das culturas infantis e potencializa o papel pedagógico do brincar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As pesquisas futuras podem buscar com maior ênfase a interligação entre Educação Física e os estudos da infância por meio dos desenhos da coleção do Imagem, identificando com maiores detalhes como acontecem as brincadeiras do tipo tradicional, os combinados nos piques, as mediações e os contrastes expressos nos desenhos das crianças.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 43, p. 645-667, 2014.
- BARRETO, A. C. "**Brincadeiras de todos**": Perspectivas das crianças de uma escola de Brasília. 2018. 215f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- BISPO, C. C. L., Bispo, L. B., & Oscar Briones Salazar, L. Inventário dos jogos e brincadeiras: a manifestação da cultura lúdica infantil. **Diversitas Journal**, 500–522. 2020.
- BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloísa Acires Candal. Crianças, infâncias, educação e corpo. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 14, n. 15, 2007.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 02 julho de 2021.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm> Acesso em: 12 mar. 2021.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, p. 103-116, jan. 2000.
- BRUEGEL, Peter. Jogos Infantis. São Paulo: Abril Cultural, 1967.
- CARVALHO, Ana et al. Brincadeiras de menino, brincadeiras de menina. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 13, n. 1-4, p. 30-33, 1993.
- CELLARD, A. A análise documental. In: Poupard, J. **A pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 295-316.

COELHO, Vitor Antonio Cerignoni *et al.*. O brincar e se movimentar na educação infantil: reflexões sobre a legislação, os documentos oficiais e a prática pedagógica na escola. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 32, p. 155-170, 2021.

COFFEY, A. **Analysing documents**. In: Flick U. The SAGE handbook of qualitative data analysis. Sage: London, 2014. p. 367-379.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORSARO, W. A. A Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 442-464, maio/ago. 2005.

DELGADO, Ana Cristina C.; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação e sociedade**, v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005.

DIP, Flávia Franzini; DE CAMPOS TEBET, Gabriela Guarnieri. Sociologia da Infância, Protagonismo Infantil e Cultura de Pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. **Zero-a-seis**, v. 21, n. 39, p. 31-50, jan/jun. 2019.

Elias, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, v. 1, 1994.

FANTIN, M. As crianças e o repertório lúdico contemporâneo: entre as brincadeiras tradicionais e os jogos eletrônicos. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 13, n. 2, p. 9-24, jul./dez. 2006.

FARIAS, Mayrhon José Abrantes; FREITAS, Tayanne da Costa; WIGGERS, Ingrid Dittrich. “Minha brincadeira favorita na escola”: uma análise da cultura lúdica de crianças de são luís–ma. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 30, n. 1, 2019.

FERREIRA, F. M. **Nos tempos de brincar:** por uma etnografia das culturas infantis nos espaços da escola. 2020. 213f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Penso Editora, 2013.

FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender. **Jogos e ensino de história.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. p. 47-71, 2018.

FREITAS, M.V; STIGGER, M. P. As brincadeiras nas aulas de educação física e seus significados para as crianças. **Motrivivência.** v. 27, n. 45, p. 74-83, set. 2015.

GASPAR, Bianca Serafim; DE CARVALHO, Richarles Souza. Imagens de infância em Peter Pan de James Barrie. **Revista Saberes Pedagógicos,** v. 2, n. 1, p. 259-274, 2017.

GOBBI, Marcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas Críticas,** v. 20, n. 41, p. 147-165, 2014.

GOBBI, Marcia. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista,** p. 135-147, 2012.

GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha: Desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. **Pro-Posições,** v. 10, n. 1, p. 139-156, 1999.

GOBBI, Marcia; LEITE, Maria Isabel. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. **Ata e desata: partilhando uma experiência de formação continuada.** Rio de Janeiro: Ravil, p. 93-148, 2002.

GOLDBERG, Luciane Germano. Da potência narrativa do desenho infantil para a pesquisa (auto) biográfica com crianças. **Revista@ mbienteeducação,** v. 12, n. 2, p. 141-163, 2019.

GOLDBERG, Luciane; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Revista de Humanidades**, v. 32, n. 2, p. 172-179, 2018.

GOMES-DA-SILVA, Eliane; BUSS-SIMÃO, Marcia. Pesquisa com crianças na Educação Física: Questões teóricas e desafios metodológicos. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 395-416, 2008.

Gomes, C. F., Barbosa, R. F. M., & Oliveira, S. C. As crianças e suas brincadeiras em três nichos de formação: escola, mídia e instituições de acolhimento. **Horizontes**, 37. Florianópolis: Naemflu Ciência e Arte, 2019.

JURDI, Andrea Perosa Saigh; SILVA, Carla Cilene Baptista; LIBERMAN, Flavia. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brincadeira e a Educação Física na pré-escola. **Motrivivência**, n. 9, p. 66-77, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos, brinquedose brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco. Revista de Educación**, n. 24, p. 81-105, 2014.

MAIA, Divanalmi Ferreira; DE FARIAS, Álvaro Luís Pessoa; DE OLIVEIRA, Marcos Antonio Torquato. Jogos e brincadeiras nas aulas de educação física para o desenvolvimento da criança. **Cenas Educacionais**, v. 3, 2020.

MEDA, Juri. Los dibujos infantiles como fuentes históricas: perspectivas heurísticas y cuestiones metodológicas. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 14, n. 3, p. 139, 2014.

MELO, Lucimara Santos. O desenho infantil e suas etapas de evolução. 2020.

MOURA, Thainá Rodrigues de. **Infância e corpo: A construção da imagem corporal na rotina escolar de crianças de Brasília**, Brasília. 2011.

MÜLLER, Fernanda. Entrevista com Willian Corsaro. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 98, p. 271-278, 2007.

ODININO, J. D. P. Brincadeiras de menino ou de menina? Implicações sociais sobre o brincar no contexto da mídia, do gênero e da infância. **Momento - Diálogos Em Educação**, p. 9–24. 2016.

OLIVEIRA, Vinicius Machado de; SOUZA, Juliano de. A infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de Norbert Elias. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

PASSOS, Elia Raquel Alves Portella. **A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia). Brasília, Brasília. 2013.

PASSOS, Elia Raquel Alves Portella; TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Representações midiáticas nas brincadeiras das crianças. In: **XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. 2017.

PRETTO, Zuleica; LAGO, Mara C. de S. Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras. **Revista Ártemis**, v. 15, n. 1, jan/jun. 2013.

Roulston. **Analysing documents**. In: Flick U. *The SAGE handbook of qualitative data analysis*. Sage: London, 2014.

SANTOS, Eliziane et al. O resgate das brincadeiras tradicionais para o ambiente escolar. **Movimento e Percepção**, v. 10, n. 14, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SCALHA, Thais Botossi et al. A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: relato de experiência. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 2, p. 79-92, 2010.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Orgs.). **Práticas corporais: gênese de um movimento**. 2005.

SILVA, Alberto Nidio Barbosa de Araújo. Jogos, brinquedos e brincadeiras: trajectos intergeracionais. 2011.

SILVA, Léa Stahlschmidt P. et al. O brincar como portador de significados e práticas sociais. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF, v. 17, p. 77-87, 2005.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, p. 7-31, mar. 2001.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, p. 920-930, 2010.

SPRÉA, Nélio Eduardo; GARANHANI, Marynelma Camargo. A criança, as culturas infantis e o amplo sentido do termo brincadeira. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 43, p. 717-735, 2014.

SURDI, Aguinaldo Cesar; DE MELO, Jose Pereira; KUNZ, Elenor. O brincar e o se-movimentar nas aulas de educação física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 459-470, 2016.

QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, p. 23-42, abri. 2014.

PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura. **Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal**. 2016. xvi, 132 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TEIXEIRA, Cheila Cristina. A importância da brincadeira no desenvolvimento cognitivo infantil. **revista de psicologia**, v. 10, n. 33, p. 94-102, 2017.

TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira; WIGGERS, Ingrid Dittrich. As tecnologias da informação e comunicação e a prática pedagógica na educação física escolar. In: **IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte**. 2010.

Tomás, C. & Fernandes, N. Direitos da Crianças, Brincar e Brincadeiras. In C. Tomás & N. Fernandes (Orgs.), **Brincar, Brinquedos e Brincadeiras**. Modos de ser criança nos países de língua oficial portuguesa, p. 13-25. Maringá: UEM. 2014.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância (in) visível**. Junqueira & Marin Editores, 2007.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Corpos desenhados**: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia. 2003. 326f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; FLAUSINO, Michelle da Silva. Crianças, corporalidade e comunidades remanescentes de quilombos.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Educação física e infância nas décadas de 1930 e 1940**: novas interfaces entre corpo e natureza. 2015. Relatório técnico (Pós-doutorado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Entrevistas com pesquisadores do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. [Entrevista concedida a] Higor Ferreira. Ago, 2020.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; SOARES, Carmen Lucia. Recreação e vida ao ar livre em parques infantis de São Paulo na coleção de desenhos de Mário de Andrade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 302-322, dez. 2019.

APÊNDICE - A

O protocolo abaixo representa um instrumento de organização de desenhos com a temática de brincadeiras preferidas, da coleção de desenhos do grupo Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, levando em consideração o desenho da criança como fonte única.

Protocolo de descrição dos desenhos com o tema de brincadeiras e suas variações da coleção do grupo Imagem

Temática principal	qual a brincadeira ou nome da brincadeira/ elementos de brincadeiras.
Pessoas/objetos	uma pessoa, grupo, sem pessoas, bola, bicicleta, pipa e outros.
Enquadramento da brincadeira	preenchendo todo o espaço, parte superior, parte central, parte inferior, parte lateral.
Perspectiva da brincadeira	visão anterior, visão posterior, visão em perfil, deitado, sentado.
Cenário/Espaço	casa, rua, natureza, piscina, escola e outras.
Traços	fortes, finos, fragmentados, contínuos.
Movimento	andando, correndo, saltando, sem movimentação.
Cores	cores utilizadas, ausência de cores, cores repetidas, intensidade das cores.
Formas	círculos, quadrados, triângulos, retângulos.

APÊNDICE - B

Quadro 1- Produções acadêmicas do Imagem – Desenhos que representam as brincadeiras preferidas e suas variações:

Quadro - Produções acadêmicas do Imagem – Desenhos que representam as brincadeiras preferidas e suas variações:

Nº	Ano	Autor	Título	Tema do desenho	Tipo de trabalho/ instituição/cidade	Nº de desenhos
1	2003	Ingrid Dittrich Wiggers	Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia	"Minhas brincadeiras preferidas"	Tese de Doutorado/UFSC/Brasília	Não menciona do no trabalho
3	2010	Elia Raquel Alves Portella Passos	A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil	"Brincadeiras ou desenhos animados preferidos"	Relatório de Iniciação Científica/UnB e Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação/UFSC/Brasília	8
5	2010	Sheila da Silva Machado	Imagens da infância: mídias e suas representações em práticas corporais infantis	Minha brincadeira preferida	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização/UnB/ Brasília	23
7	2011	Michelle da Silva Flausino	Crianças, corporalidade e comunidades quilombolas	Brincadeira preferida	Monografia de Conclusão de Curso de Especialização/UnB/Comunidades quilombolas de Goiás	Não menciona do no trabalho
10	2013	Elia Raquel Alves Portella Passos	A mídia nas entrelinhas da cultura corporal infantil	"As minhas brincadeiras preferidas"	Dissertação de Mestrado/UnB/Brasília	21
11	2013	Sheila da Silva Machado	"Vivo ou morto?": o corpo na escola sob olhares de crianças	Minha brincadeira favorita	Dissertação de Mestrado/UnB/Brasília	22

13	2015	Mayrthon José Abrantes Farias	"Não é briga não – é só brincadeira de lutinha": cotidiano e práticas corporais infantis	"Minha brincadeira favorita na escola"	Dissertação de Mestrado/UnB/São Luís	76
15	2016	Thainá Rodrigues de Moura Praça	Práticas corporais infantis em campo: a relação infância e corpo em uma escola do campo no Distrito Federal	"Minha brincadeira favorita na escola"	Dissertação de Mestrado/UnB/ Brasília	22
16	2016	Ingrid Dittrich Wiggers	Educação física e infância nas décadas de 1930 e 1940: novas interfaces entre corpo e natureza	Minha brincadeira preferida	Relatório de Estágio de Pós-Doutorado/ UNICAMP/Hanover	Não menciona do no trabalho
17	2017	Ivan Vilela Ferreira	Brincadeiras infantis: uma comparação entre a Escola Classe e a Escola da Ponte	"Minha brincadeira favorita"	Dissertação de Mestrado/UnB/ Brasília e Santo Tirso	25 na EC e 21 na Escola da Ponte
18	2018	Aldeilene Cerqueira Barreto	"Brincadeiras de todos": perspectivas das crianças de uma escola de Brasília	" A brincadeira que eu mais gosto de brincar na escola"	Tese de Doutorado/UnB/ Brasília	29
21	2020	Flávia Martinelli Ferreira	Nos tempos de brincar: por uma etnografia das culturas infantis nos espaços da escola	Minha brincadeira favorita na escola	Tese de Doutorado/UnB/ Campinas	24

□